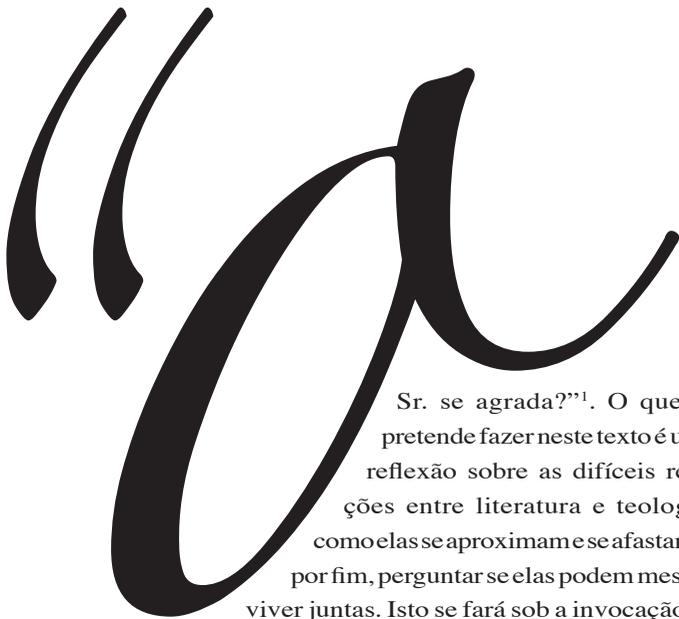


WALDECY TENÓRIO

*Sob a invocação de  
Guimarães Rosa:  
literatura e teologia  
num conto de*

# *Tutaméia*

**WALDECY TENÓRIO**  
é professor da PUC-SP  
e autor de *A Bailadora  
Andaluza: a Explosão do  
Sagrado na Poesia de João  
Cabral* (Ateliê Editorial/  
Fapesp).



Sr. se agrada?”<sup>1</sup>. O que se pretende fazer neste texto é uma reflexão sobre as difíceis relações entre literatura e teologia, como elas se aproximam e se afastam, por fim, perguntar se elas podem mesmo viver juntas. Isto se fará sob a invocação de Guimarães Rosa, partindo-se da leitura, ou melhor, da transleitura de um conto que faz parte do livro *Tutaméia*. Trata-se da estória do jagunço Jeremoavo, de como ele chega a um lugarejo chamado Barra da Vaca, que dá nome ao conto, dos seus encontros e desencontros com Domenha e, finalmente, do que lhes acontece e de como termina essa aventura.

## PRIMEIRA MARGEM

Desde o início, o narrador se preocupa em dar informações para o leitor acompanhar o que se passa entre Jeremoavo e os moradores daquele “ribanceiro arraial de nem quinhentas almas”. Ribanceiro – ele chama – porque o arraial fica na margem alta ou na ribanceira do Rio Urucuia. “Sucedeu então vir o grande sujeito entrando no lugar.” É assim que o conto se abre, e o narrador vai logo dizendo o que sabe do jagunço.

Ao apresentar Jeremoavo, a primeira coisa para a qual ele chama a atenção é para o fato de que se trata de “um capiau de muito longínquo”. Ninguém ali o conhece e todos o olham com uma mistura de curiosidade e desconfiança, e também um pouco de ironia, principalmente porque ele vem “pisando o arenoso”, sem saber direito para onde vai mas indo, como diz o narrador, “em aflito caminho para nenhuma parte”.

Aquele que chega às margens da teologia vindo da literatura, portanto, de outros sotaques, de outras bibliotecas e de outras ignorâncias é também um capiau de muito longínquo. E a identificação do crítico com Jeremoavo se dá imediatamente. Mesmo porque Jeremoavo, nas suas andanças pelo sertão, em busca de alguém ou de alguma coisa, é a própria representação da literatura. Mas, se continuarmos lendo, o narrador acrescenta adiante: “Seus bigodes ou a rustiquez – roupa parda, botinões de couro de anta, chapéu toda a aba – causavam riso e susto”. A identificação aqui já não é tão clara, e o crítico espera que concordem com isso.

Entretanto, a identificação entre o crítico e Jeremoavo torna-se mais visível quando o narrador diz a seguir do nosso jagunço: “Tomou fôlego, como burro entesa orelhas no avistar um fiapo de povo mais a rua, imponente invenção humana”. Ao avistar a rua, representada por possíveis leitores, entesar as orelhas, o crítico não entesa, mas toma fôlego para criar coragem e prosseguir na leitura do conto. E quando o narrador diz depois que Jeremoavo “tinha vergonha de frente e de perfil”, isso só reforça a timidez natural do crítico diante de um tema difícil e meio suspeito, como esse da aproximação com a teologia.

Mais adiante, porém, no momento em que o narrador declara que Jeremoavo “devia também de alentar internas desordens no espírito”, é necessário afastar imediatamente qualquer identificação com a personagem, para que não se pense que aproximar literatura e teologia seja necessariamente uma desordem do espírito. Alguma coisa sem sentido algum.

A identificação com a personagem se reata no momento seguinte. Retomando a cena inicial: quando se abre a narrativa, Jeremoavo vem entrando na aldeia, vem vindo devagar, montado no seu cavalo raposado. Logo depois desmonta, aproxima-se das primeiras casas, meio desconfiado. Os moradores, também desconfiados, o olham, curiosos, receosos e ele – o narrador diz –, “Sem jeito para acabar de chegar, se escorou a uma porta, desusado forasteiro”.

<sup>1</sup> Todas as citações de “Barra da Vaca” são tiradas de *Tutaméia*, João Guimarães Rosa, 3ª ed., Rio de Janeiro, José Olympio, 1969.

O crítico também não sabe direito como “acabar de chegar” ao tema que se propõe discutir. Precisa de uma porta para se escorar e encontra esse apoio esclarecendo que não irá fazer teologia e literatura mas literatura e teologia. Mas por que insistir nessa distinção? Porque fazer literatura e teologia – o conselheiro Acácio diria isso com muita propriedade – é diferente de fazer teologia e literatura. A perspectiva é diferente porque partimos do texto sem o propósito deliberado de encontrar nele alguma mensagem do tipo religioso ou político.

Voltando ao texto, que é o eixo central da nossa reflexão, vemos que, depois de permanecer durante algum tempo sem jeito para acabar de chegar, Jeremoavo foi chegando, foi entrando na aldeia e acabou achando comida, abrigo e afeto na pensão de Domenha. Estava cansado e por essa razão – diz o narrador – “se amoleceu, sem serenar os olhos”.



Mas o que quer dizer o narrador quando informa que Jeremoavo “se amoleceu”? O próprio narrador explica mais adiante que Jeremoavo estava “alquebreirado, tonteava” e, se insistirmos na razão desse mal-estar, ficaremos sabendo que se trata da “cólica dos viajantes”, uma enfermidade – digo isso com algum temor – que parece afetar todos aqueles que se aventuram por entre as fronteiras metodológicas que separam as disciplinas.

No caso de Jeremoavo, o que o deixa “alquebreirado” é a percepção de que se encontra na fronteira de uma disciplina muito problemática. “O Sr. se agrada?” Felizmente, ouve a voz de Domenha, a dona da pensão, “dando-lhe num caneco tisanas de chá, ele estirado em catre”. O narrador chama atenção para esse fato: “Tratavam-no, e por caridade pura, a que satisfaz e ocupa”.

Entretanto, à medida que Jeremoavo vai se recuperando e as forças vão lhe voltando ao corpo, ele “se perturbava, pelo já ou pelo depois, nos mal-ficares”. Ou seja, sente que não está numa situação muito confortável, como se a “caridade pura” de Domenha fosse aos poucos substituída por outras teologias. Isso se explica porque alguns moradores não aceitam a presença de Jeremoavo na aldeia. E essa recusa é tão forte que o próprio narrador se surpreende: “sem donde se saber, teve-se aí sobre ele a notícia. Era brabo jagunço! Um famoso, perigoso. Alguém disse”.

O que acontece quando corre essa notícia? “Se estarreceu a Barra da Vaca, fria, ficada sem conselhos.” E então – o narrador conta – “Se’o Vanvães disse a Seo Astórgio, que a Seó Abril, que a Siô Cordeiro, que a Seu Cípuca: – Que fazer?”. É a mesma pergunta de Lênin, e sabemos que ela deu origem a uma ideologia que acabou no Gulag. Na boca de Se’o Vanvães se transforma num perigo para Jeremoavo.

Depois de confabularem entre si, as autoridades da aldeia tomam uma decisão: “que, por ora, mais o honrassem”. É típico dos caminhos tortuosos do poder. E a esse propósito, convém lembrar Jorge Semprún quando diz que a burguesia sempre ali-

*Nesta página e nas próximas, desenhos de Luís Jardim para capa da edição de Tutaméia pela Editora José Olympio*

mentou uma desconfiança exagerada em relação à literatura<sup>2</sup>. Com as burocracias político-religiosas é também assim, talvez pior, de sorte que a literatura sempre está em perigo porque há sempre alguém desejando neutralizá-la. E isso se faz de diferentes maneiras, dependendo do momento e das circunstâncias históricas.

Para neutralizar a literatura, pode-se prender, exilar, assassinar os escritores ou então assimilá-los, integrá-los, cooptá-los. Há várias maneiras de transformá-los em pessoas respeitáveis, condecorando-os com a ordem disso e daquilo, colocando-os no primeiro lugar de uma lista dos mais lidos, sem falar nos prêmios, o maior deles o Nobel. Não há Nobel em Barra da Vaca, o que fazer?

Depois da decisão tomada pelos cinco – “que, por ora, mais o honrassem” – começa uma nova fase na vida do nosso jagunço. Convites para conhecer a aldeia, o próprio Se’o Vanvães se encarregando de levá-lo pela mão para visitar as pessoas. No entanto, Jeremoavo é sempre visto como um estranho.

Para uns, era um “patrulho espião, que esperava bando de outros, para estrepolirem”. Para outros, “parecia até às vezes homem bom, sério por simpatia com integridades. Mas de não se fiar”. Em suma, tinham medo e, ao mesmo tempo, gostariam de poder desqualificá-lo, reduzi-lo, como se tentou, a “o velho da galhofa”. Mas não se podia reduzi-lo simplesmente a isso porque pesava contra ele, segundo nos conta o narrador, uma acusação inapelável: Jeremoavo “quebrava a ordem das desordens”, ou seja, a falsa ordem epistemológica das reduções hermenêuticas.

De onde os moradores foram tirar essa idéia, não sabemos. Assim como não sabemos também quando Platão passou pelo sertão de Minas. O que se sabe é atestado pelo narrador numa frase que, sozinha, constitui um parágrafo: “E aquela aldeiazinha produziu uma idéia”. É a única vez em que o narrador emprega o diminutivo para se referir a Barra de Vaca. Uma ironia, talvez, como se quisesse dizer que a República torna-se menor quando expulsa os seus poetas. Mas qual é mesmo essa idéia?

Como as homenagens não mudassem o caráter de Jeremoavo e ele persistisse “na calada da consciência”, Vanvães, Astórgio, Abril, Cordeiro e Cipuca decidem organizar uma pescaria com festa e, como sublinha o narrador, “assaz cachaças”. O narrador chama a atenção para esse fato: “Com honra o chamaram, enganaram-lhe o juízo”. No fim, ficamos sabendo o que de fato aconteceu. Quando Jeremoavo estava completamente bêbado, levaram-no para o outro lado do rio: “Logo do outro lado o deixaram, debaixo de sombra. Tinham passado também, quietíssimo, o cavalo raposo”.

O recado estava dado: você não é dos nossos, não podemos ficar juntos na mesma margem do rio, o seu lugar é do outro lado. Enquanto isso, na aldeia, temendo a volta de Jeremoavo, os homens se armam. “Voltasse, e não seria mais o confuso hóspede, mas um diabo esperado, o matavam”. Podemos então concluir que o diálogo entre a literatura e a teologia termina aqui, como uma impossibilidade teórica?

## SEGUNDA MARGEM

Enquanto Jeremoavo curte sua bebedeira, tentemos compreender o que se passa. Existe hoje, da parte de críticos e teólogos, assim como de escritores, um grande interesse na aproximação entre literatura e teologia, assim como já se fez com a psicanálise. Podíamos lembrar, de um lado, nomes como Frank Kermode, Octavio Paz, Jorge Luis Borges; de outro, Urs von Balthasar, Paul Tillich, Karl-Josef Kuschel. Há uma lista enorme de nomes e esse interesse se traduz em simpósios e seminários que se multiplicam e também numa produção acadêmica já significativa, inclusive entre nós.

Até porque as relações entre literatura e teologia vêm de longe, são como o pecado original, quer dizer, nascem junto conosco e nos acompanham desde a aurora do mundo. O profeta Ezequiel foi obrigado a engolir um livro e depois, meio sem jeito, antecipou o prazer do texto de Barthes dizendo que

2 Intervenção de Jorge Semprún em debate organizado por Yves Buñ, em Paris, 1964, sobre a presença da literatura na vida política.

o livro lhe fora doce como o mel. E, muito depois, o evangelista João veio nos dizer que no princípio era o Verbo.

Sabemos também que poesia e teologia sempre estiveram próximas uma da outra nos cantos líricos em louvor da divindade, nos ritos e nos hinos litúrgicos de todas as tradições religiosas. Não é necessário lembrar os poemas do *Bagavaghita* nem a *Bíblia*. Na tradição hebraica, a escrita é concebida dentro de uma ligação muito forte com o divino. Na tradição grega, temos a idéia do *entusiasmo* que associa a inspiração poética à profecia ou à possessão por um Deus. Platão inventa os poetas teólogos, e o movimento da patrística em direção à estética produz, no cristianismo helenizado, hinos litúrgicos que se elevam à dignidade de um gênero literário. Poderíamos multiplicar os exemplos. Sem falar nos textos sagrados e profanos que mutuamente se atraem e se misturam como anéis entrelaçados.

Mas, se for possível retomar um título de La Boétie, poderemos dizer que, em determinado momento, houve um mau encontro nessa história. É quando a teologia se converte em doutrina e se começa a falar em Verdade (sic) com V maiúsculo. A partir desse momento, o teólogo tende a transformar-se numa espécie de guardião da doutrina, único depositário da verdade. E, como lembra o Umberto Eco de *O Nome da Rosa*, passa a ter tantas certezas que se torna seguro até mesmo dos seus erros. E sua linguagem torna-se, como diz Roland Barthes em outro contexto, uma linguagem encrática – *in kratos* –, ou seja, uma linguagem de poder.

A posição dos moradores da aldeia a respeito da possível volta de Jeremoavo é esclarecedora: se ele voltar, será considerado um diabo, aquele com o qual não se quer acordo. Matamo-lo. Ora, isso não é novidade. Depois da leitura, para dar alguns exemplos, de *Um Dia na Vida de Ivan Desinovitch*, de Soljenytsin, de *A Religiosa*, de Diderot, ou do livro de Octavio Paz sobre Sor Juana Inês de La Cruz, não é possível alegar-se inocência a esse respeito. Como diz ainda Octavio Paz, no mesmo estudo que acaba de ser citado, as

burocracias político-religiosas produziram aqueles “leitores terríveis”, entre os quais ele incluí o arcebispo e o secretário-geral do Partido, porque é deles que emanam os anátemas e as condenações

Por tudo isso, há entre os teólogos um certo viés autoritário e, quando se aproximam da narrativa ou da poesia, logo eles procuram justificar-se alegando o poder teológico da literatura. Ora, a literatura terá mesmo algum poder? Barthes poderia nos recordar que, em oposição ao discurso encrático da teologia, a linguagem da literatura é uma linguagem acrática – *a-kratos* – ou seja, à margem ou contra o poder. E a prova disso é Jeremoavo de porre, expulso da aldeia, do outro lado do rio.

Que poder então é esse que dizem que a literatura tem? A esse respeito, uma frase de Sartre, como acontece com todas as frases de Sartre, funciona como um mantra, um *slogan*, uma palavra de ordem. “Em face de uma criança morrendo de fome” – diz Sartre –, “*A Náusea* não pesa nada”. A isso, o escritor, também francês, Jean Ricardou responde ser injusta a balança que põe num prato um livro e no outro uma criança. Se quisermos intervir nesse debate, ao lado de Sartre ou de Ricardou, precisamos saber que, no fundo, eles concordam numa coisa: a literatura tem o poder de transformar num escândalo a morte dessa criança. Mas então ela tem poder? Seria preferível falar em des-poder: o des-poder dos apocalípticos.

E esse des-poder funciona como o *ex-opere operato* dos sacramentos, independe do escritor, de suas posições políticas ou de sua visão de mundo. Nesse sentido, Honoré de Balzac é exemplar. Ele dizia escrever “à luz de duas verdades: o trono e o altar”. Não adiantou nada, a direita francesa jamais o aceitou, ele foi o Jeremoavo da França do século XIX. E, ironicamente, mereceu o elogio de quem? De Engels. Por que isso? Porque uma coisa é o escritor empírico, outra a sua obra. Balzac talvez não soubesse direito o que estava dizendo, mas a direita francesa sabia, e Engels sabia muito bem.

Por isso mesmo, a literatura é muito coisa de sua linguagem. Irreverente, rebelde, transgressora, alérgica a doutrinas e a



dogmatismos, ela faz um uso especial da linguagem, e esse uso especial constitui o que Jakobson chama de literariedade<sup>3</sup>, que, por sua vez, é o fundamento do des-poder da literatura. Para explicar melhor esse conceito de literariedade, podemos recorrer a uma famosa distinção que Barthes faz entre o escrevente e o escritor. O escrevente é aquele que privilegia a mensagem; já o escritor privilegia a linguagem em detrimento do filosofema, do sociologema, do teologema.

Isso não quer dizer, porém, que a literatura cria para nada, como algumas vezes se pretendeu. O que lemos como literatura – e digo isso lembrando João Alexandre Barbosa – é sempre mais, é história, é psicologia, acrescentemos, teologia. Quer dizer, quando a literatura fala, fala do homem e do mundo. Só que esse *plus* em sua dicção é dado na literatura pela literatura, pela eficácia da linguagem literária. E já que se trata de literatura e teologia, a própria *Bíblia*, segundo Robert Alter, adquire profundidade e sutileza por ser apresentada mediante os mais sofisticados recursos da prosa de ficção.

Daí a desconfiança em relação a todos aqueles que simplesmente querem transmitir uma mensagem. Até mesmo uma poeta como Adélia Prado, que, como pessoa, está dentro de uma tradição religiosa muito forte, uma vez que é poeta, portanto escritora e não escrevente, sabe fazer essa distinção:

“Sei que Deus mora em mim  
como sua melhor casa.  
Sou sua paisagem,  
sua retorta alquímica  
e, para sua alegria,  
seus dois olhos.  
– Mas esta letra é minha”.

Em outras palavras, o que vemos nesse poema de Adélia Prado é a rejeição da concepção utilitária da literatura. Jean Cocteau exacerba essa rejeição numa famosa conferência. Ele começa muito solene: “A literatura serve para alguma coisa”. Aí pára, meio indeciso, para exclamar: “Se ao menos eu soubesse para quê !”.

O que ambos estão nos dizendo, cada um do seu jeito e com seu viés próprio, é que a literatura não pode ser instrumentalizada, não pode ser transformada em veículo de transmissão de mensagem alguma. Se é assim, alguém poderá retomar uma questão que deixamos atrás, quando Jeremoavo foi levado para o outro lado do rio, e constatar, pela segunda vez, a impossibilidade teórica do encontro entre a literatura e a teologia. Será verdade? Até agora, tudo leva a crer que sim.

## TERCEIRA MARGEM

No entanto, alguns indícios deixados pelo narrador ao longo do conto mudam um pouco o rumo de nossa investigação e alimentam outra suspeita. Lendo-se com atenção, percebe-se que nele não existe apenas a teologia do Se’o Vanvães e dos mandatários da aldeia, a tenebrosa teologia do poder. Há também, nesse conto, a teologia de Domenha, aquela que acolhe



3 Em *Linguística e Comunicação*, São Paulo, Cultrix, 1970.

e recebe Jeremoavo, no exercício da “pura caridade”, como diz o narrador. Ou, como diria Horkheimer<sup>4</sup>, aquela teologia que se apresenta como a esperança de que os assassinos não triunfem sobre as vítimas inocentes.

Já ouvimos falar, vamos chamá-la assim, nessa *nouvelle theologie* que não se fecha na esterilidade positivista denunciada por autores como Kierkegaard ou Miguel de Unamuno, mas se abre para uma razão sensível, existencial, humana, ou, recorrendo a Paul Tillich, para o momento participativo da razão subjetiva no qual a análise não nega a emoção. Olhemos outra vez para o texto. Em certo momento, Domenha aproxima-se de Jeremoavo, e “Olhando-o: – Felicidade se acha é só em horinhas de descuido”.

Nesse momento, surpreendemos a teologia de Domenha em flagrante delito poético, porque a poesia acontece nesse instante, nesse lapso da palavra: uma horinha de descuido – e se cai na vertigem da linguagem. A poesia é isso, é só um instante do ser, mas um instante inesquecível. Citarei

dois lingüistas que são testemunhas dessa vertigem. Primeiro, Julia Kristeva<sup>5</sup>:

“É necessário saber apesar de tudo se essa coisa que fala quando eu falo e que me implica totalmente em cada som que enuncio, em cada palavra que escrevo, em cada signo que faço, se essa coisa é realmente eu, ou um outro que existe em mim, ou ainda um não sei que de exterior a mim mesmo que se exprime através de minha boca em virtude de qualquer processo ainda inexplicado”.

Quem é esse, afinal, que fala quando Kristeva fala? Ela não sabe. Nós não sabemos. O segundo lingüista que chamo para depor, A. J. Greimas, também não sabe mas, mesmo assim, arrisca uma suspeita: “Talvez exista um mistério na linguagem”<sup>6</sup>. O advérbio “talvez”, ao acentuar uma dúvida, nos encaminha para a idéia agostiniana da *cognitio vespertin*, essa forma de conhecimento teológico que se dá na penumbra da tarde ou na fragilidade do “talvez” de Greimas.

Seja como for, os dois lingüistas que acabo de citar não estão muito longe de G. Crespy, um teólogo que trabalha justamente a relação entre linguagem e teologia. Se Kristeva não sabe quem fala quando ela fala, e se Greimas desconfia de um mistério, Crespy vem nos dizer que Deus existe é na linguagem e é lá que devemos procurá-lo<sup>7</sup>.

Ora, dizer que devemos procurar Deus na linguagem é o mesmo que dizer que devemos procurá-lo na literatura, sobretudo na poesia, porque ela, como diz Borges, é um brusco dom do Espírito, a iminência de uma revelação, sempre pronta para a *katabasis*, o mergulho no fundo do texto, ou a *anabasis*, o impulso de nos levar além<sup>8</sup>.

## MOMENTO MÁGICO

Vamos agora interromper por um instante o fio de nosso pensamento porque Jeremoavo, já no fim do dia, começa a voltar a si. Sem que ele nos veja, vamos observá-



4 Em “La Añoranza de lo Completamente Otro”, in *A la Búsqueda del Sentido*, Salamanca, Sigueme, 1976

5 *História da Linguagem*, Lisboa, Edições 70, 1969.

6 Apud J. D. Crossan, *Incurción sobre lo Articulado*, Buenos Aires, Megalopolis, 1976.

7 *Essais sur la Situation Actuelle de la Foi*, Paris, Cerf, 1970.

8 Os teólogos chamam de *katabasis* o movimento de Deus em direção ao ser humano e *anabasis* o movimento do ser humano em direção a Deus.

lo. O efeito da bebida passou, ele olha em volta, percebe que está sozinho, do outro lado do rio, o cavalo ali encilhado... e – o narrador nos ajuda – “entendeu, pelo que antes: palpou a barba, de incontido brio”.

Num relance, viu tudo. Podemos então imaginar o sentimento que o domina. Dor, abandono, revolta. Ele se sente – diz o narrador – “desterrado, desfamalhado, só com a alta tristeza, nos confins da idéia”. É a segunda vez que isso lhe acontece. Na primeira, foi abandonado pela família literária, nos bons tempos do formalismo de estrita observância, quando a literatura, narcisicamente, só olhava para si e não percebia o mundo à sua volta.

Naquele tempo, já sabia que os escritores escrevem, como diz Leila Perrone-Moisés a propósito de Fernando Pessoa, porque o mundo que eles vêem não lhes satisfaz. E por saber isso, era então malvisto pelos devotos mais fervorosos do formalismo, esquecidos da lição de Jan Mukaróvsky<sup>9</sup> segundo a qual os valores extra-estéticos são componentes da construção estética. Agora, é o contrário, a família teológica o condena ao exílio, do outro lado do rio, por saber que ele não será um confiável portador de mensagens.

Apesar de tudo isso, Jeremoavo ainda é capaz de sentir saudade. “Saudade maior”, diz o narrador, “eram: a Barra, o rio, o lugar, a gente”. E na aldeia, o que se passa? Quando tudo acaba e a vida vai aos poucos voltando ao normal, os moradores começam a rir de si mesmos e “do medo geral do graúdo estúrdio Jeremoavo”. Caçoam amigavelmente de Domenha, a única pessoa da aldeia que manifestara ternura pelo jagunço. E então produz-se um acontecimento absolutamente notável: os mesmos moradores que expulsaram Jeremoavo e, por pouco, não o mataram, agora – o narrador informa – “tinham graça e saudades dele”.

Esse é o momento mágico da leitura, o momento da correlação entre as duas margens do rio, se for permitido lembrar assim a palavra de Paul Tillich<sup>10</sup>. Os olhos do leitor brilham ao perceber uma das possibilidades de leitura desse conto. É como se o narrador

lhe dissesse: entendeu agora o sentido desse conto? O diálogo entre literatura e teologia, se for possível, não é apenas uma questão de método ou uma questão teórica, é também uma questão de graça e saudade. A saudade e a graça exercem na narrativa de Guimarães Rosa o papel da peripécia aristotélica e anunciam uma possível reviravolta nos acontecimentos.

É verdade que nada no conto nos autoriza a pensar que Jeremoavo voltou ou vai voltar para a aldeia. Assim, não sabemos se o diálogo entre literatura e teologia será mesmo possível. Para isso, além de manifestações de boa vontade, como temos visto de parte a parte, será necessário, como lembra Kuschel<sup>11</sup>, que os teólogos abandonem a arrogância de manipular o texto literário e, por sua vez, os críticos renunciem à arrogância oposta de não querer perceber o elemento religioso pulsando no fundo do texto.

Felizmente, vimos no conto que, de uma margem do rio, parte um aceno de saudade e, da outra, a graça do encantamento. É pouco? É o bastante para pensarmos que o ambíguo des-poder da literatura tem o des-poder ambíguo de permitir que nos comuniquemos através daquilo mesmo que nos separa. Assim, se o que aproxima Jeremoavo e Domenha é um daqueles “amores difíceis” de Ítalo Calvino, nada impede que eles vivam esse amor mesmo de longe, escondidos na terceira margem do Rio Urucuaia ou mesmo nos interstícios deste texto.

9 *Escritos sobre Estética e Semi-ótica da Arte*, Lisboa, Estampa, 1981.

10 Todas as alusões a Paul Tillich remetem a idéias e conceitos desenvolvidos na obra *Teologia Sistemática*.

11 Karl-Hoelzel Kuschel, *Os Escritores e as Escrituras*, São Paulo, Loyola, 1969.

